

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τοῦ Πανεπιστημίου Ἀθηνῶν
καὶ τοῦ Πανεπιστημίου Ἰωαννίνων
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

glosadores em geral do tema parecem ter-se debatido essencialmente com o problema da natureza da relação entre Aquiles e Pátroclo. Enquanto nos Poemas Homéricos, em particular na *Ilíada*, a relação entre os dois heróis não é clara ou é suficientemente ambígua, deixando espaço para a discussão, noutros textos ela era reconhecida e assumida como pederástica. Esse parece ter sido o caso da tragédia perdida *Mirmidões*, de Ésquilo. Mas foi a ambiguidade que deu frutos e fez escola. Bastará visionar as adaptações cinematográficas contemporâneas, que tratam as personagens em causa, para percebermos que a maioria dos autores, no quadro das mais variadas circunstâncias optou por manter a não assunção ou explicitação de qualquer relação de natureza homerótica entre Aquiles e Pátroclo. Sejam quais forem as razões para as opções tomadas, a verdade é que pode sempre argumentar-se a legitimidade das mesmas com os textos antigos, ou pelo menos com alguns deles. Aliás, a análise do A. é paradigmática no que diz respeito ao uso das fontes, chegando a Estácio, a Quinto de Esmirna e a Nono de Panópolis, por exemplo. Ao mesmo tempo que estabelece comparações que passam por figuras como o Niso e o Eurialo de Vergílio, claramente devedores do espírito homérico.

O estudo de Fantuzzi, da maior qualidade científica, estabelece uma análise minuciosa e pormenorizada das problemáticas e das fontes, sendo enriquecido com abundante bibliografia e um útil índice remissivo. Gostáramos, porém, de ver algum espaço mais dedicado à relação entre Aquiles e Ifigénia, sobretudo em quadro euripidiano. O que não obsta que se trate de um livro altamente recomendável a todos os que se interessam por literatura e história da cultura grega antigas. Este é mais um momento alto da Oxford University Press.

Nuno Simões Rodrigues

MERIEL JONES, *Performing Masculinities in the Ancient Greek novel*, Oxford, Oxford University Press, 2012, 303 pp. ISBN – 978-0-19-957008-9

Os últimos trinta anos têm assistido a um desenvolvimento considerável da história antropológica e psicossocial, de que faz também parte a chamada história do género. À semelhança do que acontece com outros períodos cronológicos, a Antiguidade, e em particular a Clássica, não tem sido excepção. O estudo agora publicado por M. Jones é uma prova disso mesmo. *Playing the Man* é um competente estudo no domínio da teoria do género aplicada à *Altertumwissenschaft*, tendo o *corpus* romanescos grego antigo como ponto de partida.

Jones opta por dividir a sua investigação em três partes, com os quais pretende alcançar os objectivos a que se propõe. Assim, ao longo de três capítulos, que se dedicam respectivamente à *Paideia*, à *Andreia* e à ideologia sexual, Jones caracteriza aqueles que de algum modo podem ser categorizados como os principais domínios da definição da masculinidade, contribuindo assim para uma arguta definição histórico-sociológica, ao mesmo tempo que avança com subsídios significativos para o estudo do romance antigo enquanto género literário e sobretudo expressão cultural de um tempo e de uma sociedade.

Na verdade, e em síntese, podemos afirmar que a pergunta de partida de M. Jones para este estudo é «o que é ser homem no romance grego antigo?», o que é o mesmo que dizer «o que é ser homem na sociedade que originou o romance grego antigo?». A resposta vai-se definindo e construindo ao longo das 297 páginas do estudo, que acaba por constituir a tese de doutoramento de M. Jones.

De salientar ainda que, neste processo de definição, torna-se incontornável o processo de definir «A» (neste caso, o homem) com recurso e por oposição e reflexo em espelho de «B» (que se afirma na mulher). A alteridade é inevitável. Neste sentido, aquele que passa por ser um estudo sobre o masculino e a masculinidade na Antiguidade Clássica acaba por se revelar também, por comparação, um importante estudo sobre o feminino no mesmo período e contexto.

O rigor e a competência filológica de Jones fazem deste livro um manual de consulta quase obrigatório para todos os que, doravante, desejarem conhecer e saber o que é «ser homem» e «ser mulher», enquanto categorias sociológicas, na Antiguidade Clássica.

Nuno Simões Rodrigues

DANIEL ORRELLS, *Classical Culture and Modern Masculinity*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2011, 301 pp. ISBN 978-0-19-923644-2

Uma das mais-valias deste estudo de D. Orrells deverá estar no facto de o mesmo não se centrar no tema da pederastia grega na Antiguidade (já estudado por nomes conceituados como Dover, Sergent – alias incompreensivelmente omissos na bibliografia – e Cantarella), mas sim, e sobretudo, na recepção do mesmo em autores e contextos culturais contemporâneos. Ao longo de 301 páginas, Orrells disserta sobre a presença do tema em autores como Oscar Wilde, E. M. Forster, J. A. Symonds e Sigmund Freud,